

**Educação integral e(m) tempo integral em Angra dos Reis:
narrativas dos educadores do Centro de Educação e
Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho**

**Fulltime and comprehensive education in Angra dos Reis:
narratives of educators of the Fulltime Education Center
Monsenhor Pinto de Carvalho**

Marcio Bernardino Sirino¹

pedagogomarcio@gmail.com

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa no Centro de Educação e Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho – Ilha Grande/Angra dos Reis – no ano de 2014, durante a especialização em Alfabetização dos Estudantes das Classes Populares pela Universidade Federal Fluminense (UFF), polo Angra dos Reis, sob orientação da prof^a dr^a Marisol Barenco. O objetivo é compreender a implantação do projeto de Educação Integral e(m) Tempo Integral do município de Angra dos Reis, através das narrativas dos diferentes educadores que estão inseridos nesse cotidiano. A pesquisa buscou apresentar e refletir sobre o trabalho pedagógico desenvolvido, narrar a história da ampliação dos tempos e espaços escolares e da importância da integração curricular, como forma de promover maior aprendizagem aos educandos. Cabe destacar que essa produção evidencia, ainda, o caminho percorrido pelos educadores, ao longo dos anos, e a avaliação que os mesmos possuem sobre a experiência de Escola de Educação Integral e(m) Tempo Integral que, cotidianamente, desenvolvem e constroem.

Palavras-chave: Tempos, Espaços, Currículo, Educação integral

Abstract

This article is the result of a research, carried out at the Center for Education and Integral Time Monsenhor Pinto de Carvalho - Ilha Grande / Angra dos Reis in 2014 - during the specialization in of low-income student literacy by the Federal Fluminense University (UFF) polo Angra dos Reis, with the guidance of PhD. Marisol Barenco. The investigation aims to understand the implementation of the Comprehensive and

¹ Pedagogo (UCB), especialista em alfabetização dos estudantes das classes populares (UFF), servidor público da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis (PMAR) e, atualmente, mestrando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) sendo, nesta instituição, integrante do Núcleo de Estudos – Tempos, Espaços e Educação Integral (Neephi).

Fulltime Education project in the city of Angra dos Reis, through narratives of different educators, who are included in this daily. The research sought to present and reflect on the pedagogical work, narrating the history of the expansion of time and school space and the importance of curriculum integration, in order to promote higher learning to the students. We observe that this production shows also the path taken by educators, over the years, and their assessment about Comprehensive and Fulltime Education School experience that they develop and build daily.

Keywords: Time, Space, Curriculum, Fulltime education

Introdução

Educação integral e(m) tempo integral em Angra dos Reis é o título deste trabalho, que tem por objetivo maior compreender o processo de implantação da proposta de educação integral em tempo integral no Centro de Educação e Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho, através das narrativas dos professores, de suas análises, avaliações e experiências.

A escrita deste artigo se faz necessária, uma vez que não se tem todas as respostas acerca da proposta de educação integral e(m) tempo integral do município e nem muitos registros históricos sobre o seu processo de implantação, já que essa perspectiva é embrionária. Entretanto, muitas indagações se materializam no cotidiano escolar e carecem de um olhar atento, uma escuta sensível, uma fala branda, um toque afetivo e uma degustação de novas possibilidades de se fazer educação.

Nesse sentido, sem a pretensão de apresentar muitas respostas, mas de promover maior reflexão sobre inúmeras inquietudes que acometem os educadores, propõe-se um diálogo aberto em que as falas dos professores estejam presentes e suas percepções sejam consideradas.

Este trabalho consiste num “*espaçotempo*” de formação, composto por uma contextualização inicial, as especificidades da escola selecionada para pesquisa, além dos olhares dos educadores nela inseridos, bem como o apanhado de considerações que se afinam e/ou se complementam na busca por novas respostas para o cenário educacional do município.

Sendo assim, propõe-se a oportunidade de se conhecer as dimensões que norteiam a perspectiva da escola de tempo integral, a proposta pedagógica nela desenvolvida, a articulação entre os diferentes saberes construída no interior da unidade escolar, as práticas inclusivas, que se configuram como instrumentos de aceitação/valorização de toda a diversidade presente dentro e fora dos muros da escola, e a concepção de educação integral que sustenta o trabalho pedagógico dos diferentes educadores do CEHI Monsenhor.

Esse Centro de Educação e Horário Integral foi escolhido como lócus desta pesquisa, uma vez que, sendo eu servidor público da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis, atuei na biblioteca escolar dessa unidade de ensino, nos anos de 2011 e 2012, e conheci de perto os compassos e descompassos na construção do fazer pedagógico dessa escola. Considero-a de muita qualidade e com uma equipe que reflete a todo tempo sobre a educação e busca a promoção de novas e ampliadas oportunidades educacionais para os educandos.

Desse modo, estando em 2014 – momento da pesquisa devido à especialização *latu sensu* – à frente da coordenação pedagógica dos CEHIs na Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia (SECT), tive por objetivo socializar essa experiência.

Contextualização dos centros de educação e horário integral de Angra dos Reis

Promover uma educação de qualidade é um dos maiores objetivos dos sistemas educacionais de nosso país. Em toda e qualquer cidade, pode-se perceber tal proposição presente em seus pilares, princípios e propostas de gestão para a promoção de uma educação que se direcione, eficazmente, para a emancipação dos alunos e a transformação social. Nesse sentido, os diversos municípios estão num processo de organização e mudança, com a finalidade de alcançar esse ideal de escola que não reproduza o fracasso, mas sim evidencie o sucesso na aprendizagem dos alunos, sujeitos desse processo.

Na tentativa de dar conta dessa perspectiva, os municípios têm adotado, em sua política educacional, a proposta de uma educação integral em tempo integral² como forma de possibilitar, através da ampliação do tempo na escola e da reorganização de seu currículo, maior aprendizagem e desenvolvimento para os alunos.

Diversas nomenclaturas são utilizadas para abarcar essa proposta de educação, bem como inúmeros projetos, tanto em nível federal quanto municipal, para a sua implantação. Há correntes que adotam o termo “educação integral”, independente da extensão da carga horária do aluno, devido à compreensão da necessidade de se perceber o aluno em sua integralidade. Como aponta Paro (2009), “ou a educação é integral ou não é educação”. Há vertentes que utilizam a perspectiva “horário integral” ou “tempo integral” como forma de destacar a ampliação da jornada escolar do aluno e sua importância para a ampliação das oportunidades educacionais, sendo que o termo “horário” remete à perspectiva quantitativa da época de funcionamento dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), e o termo “tempo” já está, por sua vez, associado a uma vertente mais atual de formação humana mais completa, de acordo com os pressupostos da professora Lígia Martha Coelho, Coordenadora do Núcleo de Estudos, Tempos, Espaços e Educação Integral (Neephi) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Independente do vernáculo utilizado, a perspectiva de ampliação do tempo escolar traz, em sua concepção, o aluno como um ser multidimensional e a educação como a possibilidade de promover uma formação integral. Segundo Guará (2009): “A integralidade da pessoa humana abarca a intersecção dos aspectos biológico-corporais, do movimento humano, da sociabilidade, da cognição, do afeto, da moralidade, em um contexto tempo-espacial” (p.16).

² A construção “educação integral em tempo integral” não se torna repetitiva, na medida em que a ‘educação integral’ está relacionada com a promoção de uma educação humana mais completa para o educando, buscando, desse modo, desenvolver todas as dimensões formadoras do sujeito. Em contrapartida, porém complementar, ‘tempo integral’ se refere ao aumento da jornada escolar do aluno, percebendo na extensão do tempo a possibilidade da ampliação da sua aprendizagem.

Logo, perceber o aluno por inteiro, em todas as suas dimensões e buscar, além do acúmulo informacional, o seu desenvolvimento de maneira integral é a essência da proposta de ampliação dos tempos de escola. O aluno passa por diversos educadores em diferentes tempos e espaços, é avaliado de maneira global e holística, é percebido integralmente e é compreendido em sua totalidade.

Partindo dessa possibilidade de atuação para a promoção de uma educação de qualidade, em nível federal, temos o Programa Mais Educação, criado pela portaria interministerial nº17/2007, como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da educação integral e, em nível municipal, as cidades elaboram seus projetos de escolas de tempo integral adotando o Programa Mais Educação, com suas verbas e pressupostos ou não. Além disso, escolhem a perspectiva de aluno em tempo integral ou de escola em tempo integral, dentre as múltiplas possibilidades de implantação, tais como, centros de educação, ginásios experimentais, escolas do amanhã, projeto bairro educador ou cidade educadora e muitas outras propostas para ampliar o tempo do aluno na escola, a oportunidade de aprendizagem e a promoção de uma educação de qualidade.

Com relação às duas práticas de educação integral apontadas, escola de tempo integral e aluno em tempo integral, a autora Ana Maria Cavaliere nos aponta que

No primeiro, a ênfase estaria no fortalecimento da unidade escolar, com mudanças em seu interior pela atribuição de novas tarefas, mais equipamentos e profissionais com formação diversificada, pretendendo propiciar a alunos e professores uma vivência institucional de outra ordem. No segundo, a ênfase estaria na oferta de atividades diversificadas aos alunos no turno alternativo ao da escola, fruto de articulação com instituições multissetoriais, utilizando espaços e agentes que não os da própria escola, pretendendo propiciar experiências múltiplas e não padronizadas. (2009, p. 53)

A referida autora aponta, ainda, os perigos de se adotarem formas alternativas de ampliação do tempo educativo, por meio da perspectiva de aluno em tempo integral. Segundo Cavaliere (2009, p. 61), “expõem-se aos perigos da fragmentação e da perda de direção. E, principalmente, ronda-lhes o risco de que, ao invés de servirem à melhoria da qualidade da ação educacional, atuem

aprofundando ainda mais a precarização da educação”. Desse modo, fica indicada pela autora a adesão da proposta de escola de tempo integral, que se organiza interiormente para atender aos alunos e lhes possibilita uma formação humana mais completa.

Em Angra dos Reis, foi implantado, no ano de 2009, o primeiro Centro de Educação e Horário Integral (CEHI). Na Escola Municipal Benedito dos Santos Barbosa, cinco turmas de 1º ano de escolaridade deram início à perspectiva de ampliação da carga horária. No ano seguinte, em 2010, foi a vez de a Ilha Grande ser presenteada com essa modalidade de ensino. Localizada na Praia de Enseada das Estrelas, foi inaugurado o segundo CEHI, na Escola Municipal Monsenhor Pinto de Carvalho. Os dois últimos CEHIs foram inaugurados em 2011. Um localizado na Vila Velha, na Escola Municipal Maria Hercília Cardoso de Castro, e outro na Escola Municipal João Carolino dos Remédios, situada no Morro da Glória II.

Atualmente, Angra dos Reis possui essas quatro escolas com a ampliação do tempo escolar e outras 28 unidades com o Programa Mais Educação. Cabe registrar que o referido programa também está presente nos CEHIs, incorporando novos saberes/fazerem à sua prática pedagógica.

As diferentes e complementares propostas devem ser contextualizadas. Nos Centros de Educação e Horário Integral, os alunos ficam oito horas trinta minutos diariamente, com exceção da escola localizada na Ilha, onde os alunos estudam oito horas por dia, devido à logística da própria escola. Os alunos possuem as aulas dos componentes curriculares da Base Nacional Comum (BNC) e dos componentes complementares, por meio das oficinas pedagógicas, que acontecem de maneira alternada ao longo da jornada escolar.

Os CEHIs possuem especificidades muito próprias, e a forma como cada um se organizou, tanto pedagógica quanto administrativamente, ficou a critério da autonomia das escolas durante um tempo.

O Programa Mais Educação, nas escolas regulares do município, acontece sempre no contraturno das aulas da BNC, dentro dos macrocampos propostos pelo próprio Programa para as escolas. Em algumas unidades escolares, o Programa atende a um grupo seleto de alunos e, apenas, a algumas turmas. Os monitores do

programa não são professores da Rede Municipal de Ensino, mas pessoas da comunidade local em que a escola está inserida, que decidem exercer um trabalho voluntário e receber uma ajuda de custo, com valor simbólico e irrisório para a sua passagem e alimentação.

Para as escolas que aderem ao Programa, é destinada uma verba para o pagamento dos monitores e para a aquisição de materiais necessários ao desenvolvimento das oficinas pedagógicas.

Nos CEHIs, as oficinas do Programa Mais Educação se dão ao longo do dia, com o acompanhamento do professor da turma em alguns e noutros com o professor utilizando esse tempo para atendimento individualizado de alunos que apresentam dificuldade no processo ensino-aprendizagem, para a organização do trabalho burocrático e também para o planejamento pedagógico do professor.

Os alunos dos CEHIs possuem quatro refeições diárias (desjejum, colação, almoço e lanche da tarde), passam por várias oficinas pedagógicas e desfrutam da biblioteca, brinquedoteca e sala de vídeo.

Os professores docentes I ficam em tempo integral nas escolas, com raras exceções, e assumem um ano de escolaridade e uma oficina pedagógica, elegida coletivamente, pela escola, de acordo com o seu Projeto de Trabalho para o ano letivo. Nos CEHIs, também estão presentes, atualmente, os professores docentes II de educação física, arte e de ciências. E, ainda, os monitores do Programa Mais Educação, que são escolhidos com base nos critérios elaborados pelas próprias escolas, que dialogam com os macrocampos de atuação apontados pelo programa, e de preferência que possuam vínculo com a comunidade local e sejam alunos universitários.

Até o presente momento, os Centros de Educação e Horário Integral funcionam com uma carga horária anual de 1.700 horas, com exceção da escola localizada na Ilha Grande, que conta com 1.600 horas ao todo. Essas escolas elaboram um Projeto de Trabalho anual, em consonância com o Projeto Político-Pedagógico e, ao longo do ano, realizam diversos eventos que aproximam a comunidade, os pais e os responsáveis, a fim de promover o fortalecimento dos laços e a exposição do trabalho pedagógico desenvolvido com os alunos.

Há, no município de Angra dos Reis, uma perspectiva de ampliação da proposta de escolas de tempo integral; entretanto, será realizada uma avaliação para identificar a possibilidade de implantação de novos CEHIs em outras unidades escolares, garantindo, desse modo, o cumprimento da meta 6 do Plano Nacional de Educação (PNE), lei 10.172/2001, que prevê “oferecer educação em tempo integral, no mínimo, 50% das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% dos alunos da educação básica”.

Como forma de documentar a percepção acerca da qualidade do ensino ofertado nos Centros de Educação e Horário Integral, ao longo desses cinco anos, faz-se necessário estabelecer diálogos com os sujeitos que estão ali inseridos e registrar suas memórias e impressões. Nesse sentido, a partir da leitura dos Projetos Político-Pedagógicos das escolas de tempo integral, foi escolhido o CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho, localizado na Ilha Grande, para a reflexão sobre a melhoria da aprendizagem dos alunos com a ampliação da jornada escolar, através de entrevistas e questionários com os atores educacionais desse processo.

CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho

“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos”.

João Cabral de Melo Neto

Às seis horas da manhã, saindo do cais Santa Luzia, rumo à Ilha Grande, os professores, oficinairos e funcionários que trabalham no Centro de Educação e Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho adentram na embarcação *Irmãos Unidos XII*, para mais um dia de educação integral e(m) tempo integral.

O barco faz parada na praia do Japariz, freguesia do Santana, Lagoa Azul, Praia de Fora e da Fazenda, para buscar os alunos e entregá-los às 8h no cais do

Saco do Céu. Os alunos são conduzidos pela diretora do cais até à escola, passando pelo píer e olhando, ao redor, o verde do mar, o azul do céu, o gorjeio das aves, os bugios nas montanhas, os animais do mangue e, ainda, oportunizando diálogos com a poética presente na localidade.

O CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho está localizado na praia de Enseada das Estrelas, Ilha Grande e, desde 2010, passou a funcionar com a ampliação da jornada escolar, contando, atualmente, com 55 alunos ao todo, distribuídos em três turmas multianuais (Pré e 1º ano com 20 alunos; 2º e 3º anos com 19 alunos e 4º e 5º anos com 16 alunos).

A escola se encontra com uma equipe muito reduzida de funcionários. Segundo a diretora, não há pedagogo na escola, secretário escolar ou agente administrativo, auxiliar de biblioteca nem zeladores, há mais de dois anos. O quadro de funcionários é composto pela diretora, três professoras docentes I, duas merendeiras, três professoras docentes II e três monitores do Programa Mais Educação.

Os alunos ficam numa jornada de oito horas diárias e, ao longo do dia, recebem quatro refeições (colação, desjejum, almoço e lanche da tarde), estudam os componentes curriculares da Base Nacional Comum e participam de oficinas pedagógicas, ampliando suas possibilidades de aprendizagem.

A unidade escolar possui dois andares, com três salas de aula, sala de vídeo, brinquedoteca, biblioteca, sala de professores, secretaria, cozinha, refeitório, depósito, almoxarifado, pátio e cinco banheiros, sendo um com acessibilidade para alunos cadeirantes, além de um espaço que era usado como Posto de Saúde e, atualmente, está cedido para o armazenamento de materiais e documentações da escola.

Apesar das dificuldades presentes no cotidiano escolar do CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho, a unidade avançou muito no desenvolvimento de uma prática pedagógica articulada e significativa para os alunos.

Analisando o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar, foi possível observar que há uma preocupação, por parte da escola, em ter autoria e fundamentação pedagógica; existe, no cotidiano escolar, um movimento de ação-

reflexão-ação constante; percebe-se no grupo de educadores o permanente questionamento sobre o fazer pedagógico e a busca por metas coletivas para a educação que promovem a cada dia; há uma preocupação com o processo de formação de alunos e professores e, ainda, um grupo que trabalha pensando no futuro das crianças.

Construir um futuro mais humano, uma sociedade menos excludente, onde os homens sejam capazes de coordenar os seus conhecimentos para o bem da humanidade e que respeitem a natureza como um bem maior, pensando nas gerações futuras. (2011, p.7)

Para o ano letivo de 2014, os educadores elaboraram, coletivamente, o projeto de trabalho *Diferenças e igualdades – condições do ser humano*, para promover a reflexão sobre a diversidade presente no cotidiano escolar, diminuindo o índice de *bullying* e ampliando o respeito ao próximo. O projeto traz, em sua epígrafe, a conhecida frase de Silva (2013, p. 86) “Deve-se respeitar e tolerar a diferença porque sob a aparente diferença há uma mesma humanidade”.

O CEHI Monsenhor é considerado como escola do campo, uma vez que está imerso numa comunidade caiçara. Os diferentes saberes, valores e fazeres dessa comunidade estão inseridos nas práticas pedagógicas dos professores. Cabe ressaltar que os docentes fundamentam o seu trabalho nos pressupostos teóricos de Célestin Freinet.

Através dos quatro eixos da pedagogia Freinet: **a livre expressão, a cooperação, a autonomia e o trabalho**, a escola se torna um espaço de realização do ser que procura conhecimento como fonte de saber e fazer.

A escola adota como técnicas da pedagogia Freinet: livro da vida, assembleias, aulas passeio, jornal de parede, imprensa, plano de trabalho e correspondência. Entretanto, os educadores ainda não se consideram “Freinetianos”, pois relatam que estão se aprofundando nos conhecimentos desse teórico e colocando em prática sua pedagogia com algumas adaptações e constantes reflexões.

Todos esses saberes incorporados no cotidiano da escola expressam o quanto ela avançou na sua prática pedagógica e na sua autonomia. O diálogo

presente com todas as perspectivas e contribuições sobre educação ampliam as discussões e fortalece o grupo de professores no desenvolvimento de uma prática pedagógica de qualidade.

Baseado nos pressupostos das escolas de tempo integral: **ressignificação do currículo, ampliação de tempo e espaços educativos, educação integral nos Projetos Político-Pedagógicos e a formação dos educadores** – a escola, com sua autonomia e emancipação, desenvolve vários projetos, ao longo do ano letivo.

Cabe registrar o projeto **“Roda do Abraço”**, em que, uma vez por semana, preferencialmente, às sextas-feiras, os alunos se reúnem no pátio da escola para entoarem o hino nacional e do município e, na sequência, faz-se uma grande roda com todos os alunos e educadores para efetuarem uma avaliação da semana, das atividades desenvolvidas, do cotidiano escolar. Em seguida, finaliza-se a dinâmica com os alunos expressando um sentimento positivo, uma palavra que transmita paz ou o que os mesmos desejam de bom para a escola.

A escola realiza, a cada semestre, o **“Momento Integrar”**, evento em que a comunidade local é convidada a adentrar as grades da escola e conhecer um pouco sobre o cotidiano dos alunos. Um espaço de culminância dos projetos de trabalho desenvolvidos, de mostra pedagógica, de aproximação com a comunidade e de possibilidade de vivência das oficinas pedagógicas e de toda a dinâmica realizada pelos alunos.

Com base no projeto de trabalho desse ano letivo, a escola elaborou um pequeno projeto denominado **“Embelezamento da Escola”**. Nesse projeto, os alunos participaram ativamente na construção de pequenos jardins, arando a terra, plantando, regando e cuidando das flores. Uma proposta de embelezar a escola e promover um espaço produtor de paz.

Um projeto muito significativo, que dialoga com o resgate das memórias, valoriza os saberes da comunidade e amplia a noção de pertencimento dos educadores com o meio em que trabalham, foi elaborado e é desenvolvido pela diretora da escola. Intitulado como **“Conto, Reconto e Encanto”**, o projeto é realizado com a participação dos moradores da comunidade. Uma vez por semana, os alunos fazem uma aula passeio em visita a uma das personalidades da

comunidade e ouvem histórias e contos sobre a Ilha Grande. Com o objetivo de resgatar as histórias e contos orais, a diretora desenvolve esse projeto que incorpora, no cotidiano escolar, novos saberes e fazeres.

Atrelados a esses projetos da escola, as três turmas multianuais desenvolvem seus miniprojetos, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola, o seu Projeto de Trabalho e os referenciais teóricos e pedagógicos adotados pela unidade.

Todas essas atividades são desenvolvidas de maneira articulada, pois, nos CEHIs, há a preocupação de que as atividades se conectem e dialoguem entre seus diferentes componentes curriculares. No CEHI Monsenhor, os alunos possuem dez oficinas pedagógicas, semanalmente, conforme quadro abaixo:

<p>Professores Docentes I-Regentes das Turmas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Oficina de Comunicação; - Oficina de Filosofia para Crianças; - Oficina de Biblioteca; - Oficina de Contos de Histórias Oraís da Ilha Grande.
<p>Professores Docentes II-Especialistas de Áreas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Oficina de Educação Física; - Oficina de Educação Ambiental; - Oficina de Música.
<p>Monitores do Programa Mais Educação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Oficina de Letramento; - Oficina de Percussão/Artesanato Regional; - Oficina de Esporte, Lazer/Brinquedoteca.

Faz-se necessário explicar que, durante o horário destinado para a coordenação pedagógica, os educadores se reúnem, semanalmente, para planejar, avaliar e articular suas ideias, na tentativa de integrar as ações e consolidar uma prática pedagógica, em que se percebam as contribuições de diversos olhares, áreas do conhecimento e linguagens. Essa articulação de saberes no cotidiano escolar, forma de estruturar o currículo da unidade, favorece a aprendizagem dos alunos e amplia a percepção de que o conhecimento não é fragmentado, como nos aponta Silva:

Bernstein distinguia dois tipos fundamentais de organização estrutural do currículo: o currículo tipo coleção e o currículo integrado. No currículo tipo coleção, as áreas e

campos de conhecimento são mantidos fortemente isolados, separados. Não há permeabilidade entre as diferentes áreas do conhecimento. No currículo integrado, por sua vez, as distinções entre as diferentes áreas de conhecimento são muito menos nítidas, muito menos marcadas. A organização do currículo obedece a um princípio abrangente ao qual se subordinam todas as áreas que o compõem. (apud BERNSTEIN, 2013, p. 72)

Essa perspectiva de currículo integrado, adotado pelos CEHIs, materializa-se no cotidiano escolar como uma grande tessitura de saberes e fazeres, em que as áreas do conhecimento dialogam entre si e tecem informações, conhecimentos e fazeres, constituindo, desse modo, uma grande teia de saberes.

Olhar dos educadores

Na tentativa de compreender o processo de implementação da proposta de educação integral em tempo integral, no CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho, foi elaborado um questionário para os educadores da escola, a fim de perceber como os professores analisam e avaliam a experiência desenvolvida no cotidiano escolar ao longo desses anos.

O questionário foi composto pelas questões que se seguem e aplicado por mim a cinco educadores da unidade escolar, de forma a representar os diferentes olhares sobre a materialização dessa política pública.

TEMPO	I- Como a escola de tempo integral prevê, em sua proposta, a ampliação do tempo escolar dos alunos, a utilização de diferentes espaços da escola e a integração curricular? Gostaria que você relatasse os desafios/sugestões sobre estas dimensões: A- TEMPO: B- ESPAÇO: C- CURRÍCULO: II- Como você avalia a articulação dos saberes e das práticas desenvolvidas entre os componentes curriculares da Base Nacional Comum (BNC) e dos componentes complementares das oficinas pedagógicas? III- Como você avalia a proposta pedagógica desenvolvida pela escola?
ESPAÇO	
CURRÍCULO	

	<p>IV- Quais ações demonstram o exercício de uma educação inclusiva na sua prática pedagógica?</p> <p>V- Qual a sua concepção de educação integral?</p>
--	---

Educadores dos diferentes segmentos presentes na unidade escolar contribuíram com suas percepções acerca da ampliação do tempo escolar dos alunos e da qualidade do ensino ofertado pela escola, auxiliando na construção dessa história, através de suas narrativas pedagógicas.

Na sequência, apresentamos a transcrição das entrevistas com os educadores, utilizando nomes fictícios (nomes de grandes poetisas), para resguardar suas identidades.

Entrevista I- Cora Coralina

Em entrevista oral e gravada com a professora Cora Coralina – atual coordenadora pedagógica dos Centros de Educação e Horário Integral da Rede Municipal de Angra dos Reis e que esteve como diretora durante a implantação do CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho – foram registrados os desafios enfrentados com relação às dimensões tempo, espaço e currículo. Cora relata que, no que diz respeito à dimensão TEMPO, “é a questão é da organização, dessa nova lógica da escola, até por que a gente está acostumado com aquela escola parcial. Quando falo a gente, vai desde a família até os professores, englobando os alunos e os diferentes funcionários”, esclarece a professora. Cora enfatiza que “inverter e transformar essa lógica e modificar, transformar isso é uma questão que requer tempo” e questiona “como você vai fazer a organização desse novo tempo, uma vez que é a preocupação de um tempo voltado para a qualidade, não só para a quantidade?”.

No que se refere à dimensão ESPAÇO, a professora explica que “dentro da realidade dos CEHIs, é que as nossas escolas não foram projetadas para atender a uma escola de tempo integral”. Com isso, destaca como desafio do espaço “a adaptação dessa infraestrutura que a gente tem pra dar conta de toda a proposta”.

Sobre a dimensão CURRÍCULO, Cora relata “eu acho que é o maior desafio”, pois exige “um pensar nos saberes e na construção desses saberes, nessa formação dos alunos, nessa formação integral mesmo”. Cora questiona

o porquê e o para quê o aluno vai ficar mais tempo dentro da escola? A gente tem que pensar que tipo de aluno a gente vai formar, visto que essa criança passa maior parte do tempo dentro da escola. Então, o currículo e toda essa lógica. O currículo envolve toda essa questão mesmo de organização desses três. São dimensões que estão interligadas.

Questionada sobre a proposta pedagógica desenvolvida no CEHI Monsenhor, Cora assinala que

a proposta do CEHI Monsenhor já vem pautada numa perspectiva de educação integral anterior à implantação do CEHI, uma vez que o grupo já caminhava para uma formação de valores e a valorização dos saberes da comunidade escolar. Então, acho que antes de a gente se tornar uma escola de tempo integral, a gente já tinha como foco esse trabalho de formação integral.

[...] então, isso acho que ajudou a dar início a esse desafio maior de implantação de uma proposta em tempo integral. [...] o grupo, sinto que a gente não sentiu tanto na questão da organização curricular, na questão do planejamento e da avaliação, visto que já tinha esse olhar votado para a formação e desse aluno integral como um sujeito integral.

Cora reforça que “não só um ser pensante, mas pensar nos alunos dentro do seu interesse, ele ter voz, ter vez dentro da escola, ele participar dessa escola”. A coordenadora relata que “a gente não teve grandes dificuldades. Lógico, existem muitos desafios ainda e obstáculos a serem enfrentados, mas eu acho que a gente avançou dentro dessa proposta, uma vez que a gente já tinha esse olhar do aluno como um ser integral”.

Refletindo sobre a articulação presente no cotidiano escolar entre os componentes curriculares da Base Nacional Comum e das oficinas pedagógicas, Cora ressalta que, “desde o primeiro dia em que a gente trabalhou nesse horário integral, nessa ampliação desse tempo, a gente teve em mente essa preocupação de não ser duas coisas desconexas e de articular todas as ações e as propostas que eram desenvolvidas”. Destaca que “é um desafio, uma vez que a gente precisa estar, cotidianamente, planejando e planejando junto. Não só planejar, mas planejar junto!”. Cora acrescenta,

aí que é o desafio maior de você ter esse coletivo presente, participando, atuando e, de forma solidária mesmo, entendendo o outro diante das suas limitações e subjetividades... É compreender esse olhar, o outro, o seu parceiro e tal, pois a gente precisa que ali as ações estejam interligadas e, pra isso, a gente precisa ter um espaço mesmo de integração, que é o desafio maior.

A coordenadora explica a pouca articulação por conta da questão do tempo e da organização desse tempo, mas ressalta

que clareza de que esse era o caminho, esse grupo sempre teve. Acho que a gente ganhou muito no período em que conseguia sentar, avaliar e a avaliação era contínua. Eu acho que era um ganho também. A avaliação dos alunos era cotidiana, e isso favorecia até a gente repensar a prática pedagógica e acabava promovendo um envolvimento maior da equipe.

Dialogando sobre aspectos que expressam a perspectiva inclusiva presente na unidade escolar, Cora diz que:

primeiro, são os momentos de trazer essa comunidade, comunidade escolar como um todo. O aluno, ele participar do processo de elaboração e de construção dessa escola, os funcionários terem envolvimento nos diferentes momentos da escola, os pais, a comunidade na qual a escola está inserida, ter participação. Então, não era inclusão só do aluno, mas a ideia era de uma escola que fosse de todos, não só para todos, que eles se sentissem parte dessa escola.

[...] era algo que, enquanto diretora, Aline relembra, eu fazia questão de dizer: a escola não era nossa, enquanto funcionários, mas da comunidade, então, eles tinham que estar presentes, participando da elaboração e da construção contínua e cotidiana dessa escola.

[...] e fora as ações pedagógicas que também favoreciam essa inclusão, uma vez que os alunos eram ouvidos, uma vez que a gente respeitava a história de vida de cada um... é, a gente valorizava esses saberes que a comunidade trazia.

A coordenadora explica que, “enfim, e através dos projetos, que a gente buscava lidar temas que são necessários ‘estar abordando’ e de forma a sensibilizar a comunidade como um todo a se envolver e discutir questões importantes pra efetivação dessa inclusão de todos”.

Quando inquirida sobre a sua concepção de educação integral, Cora descreve como “aquela que de fato vá ao encontro desses múltiplos sujeitos que estão ali dentro. Estou falando dos alunos e dos atores que estão ali dentro”. Cora

relata que “então, é compreender mesmo, de fato, que todos possuem habilidades, conhecimentos, aptidões e interesse diferenciados”. Acrescenta:

e que a gente tem que buscar ampliar as possibilidades de desenvolvimento de tudo isso, que cada um vai ter o seu tempo e que se a gente tiver uma educação que respeite, que valoriza e que considera, que dá espaço e promove acesso a bens culturais que essas crianças e esses sujeitos que estão ali não têm e pela limitação do seu dia a dia.

Finalizando a entrevista, perguntamos sobre a qualidade do trabalho desenvolvido pelas escolas de tempo integral do município. Cora reflete: “eu acho que é uma questão mesmo do contexto em a gente vive [...] a educação, ela é um processo em movimento, em constante, movimento” e questiona, em seguida, “o que seria qualidade disso?”. A coordenadora explica que “a gente garantir ou promover oportunidades de aprendizagem para os alunos, mas pra que isso aconteça a gente precisa de condições”. Cora aponta que “há uma série de fatores que não só o professor. É uma série de fatores que vão buscar essa condição de novas possibilidades de aprendizagem”.

Ela efetua um recorte histórico para exemplificar sua compreensão da qualidade da educação em diálogo com o período vivenciado na escola, na função de diretora do CEHI Monsenhor,

eu acho que num dado momento, a gente tinha uma infraestrutura, tinha um pessoal com formação, com interesse à pesquisa, a gente consegui, assim, a partir do envolvimento e da doação mesmo, da adesão ao projeto. Agora eu não sei se com os instrumentos que a gente tem hoje para avaliar a qualidade, se a gente vai conseguir mapear ou identificar esses avanços, através desses instrumentos, que não são instrumentos que estão de acordo com a proposta.

Cora ressalta que “a gente tinha uma proposta pedagógica voltada para essa formação integral de valorização do sujeito e de sua cultura” e afirma que “os instrumentos que a gente, hoje, ainda utiliza são instrumentos voltados para uma aprendizagem, pautados numa escola tradicional”. Ela afirma que “não tem como!”, e, na sequência, conclui:

eu consigo perceber, a partir das falas, do desenvolvimento, da criticidade, do envolvimento das crianças em questões, própria posição política dos alunos, mas, dentro desse modelo de avaliação que a gente faz, eu ainda não identifico avanços, até porque eu acho que não é uma escola que tenha o objetivo de preparar para isso.

Entrevista II- Adélia Prado

Em visita ao Centro de Educação e Horário Integral Monsenhor Pinto de Carvalho e entrevista oral e gravada com a professora Adélia Prado, atual diretora da unidade escolar, foi iniciada uma conversa sobre as dimensões TEMPO, ESPAÇO e CURRÍCULO, que norteiam as práticas pedagógicas das escolas de tempo integral. Segundo a diretora,

Então, eu vejo que ainda não aconteceu como deveria acontecer essa nossa prática pedagógica, tendo em vista essa questão do tempo, do espaço e do currículo. Porque o espaço falta, deixa a desejar, porque a gente não tem um espaço adequado, uma quadra de jogos, a gente não tem uma sala de apoio para as crianças na hora que for necessário. A gente não tem profissionais, inclusive, para atender a uma criança que traga alguma questão patológica para a gente conseguir estar ajudando. Então, a gente não tem nem o espaço e nem o profissional. Então, isso já é um problema no que se refere à questão do espaço. Então, você ficar o dia inteiro com a criança, sem ter adequado a questão do espaço e dos próprios profissionais, aí a coisa deixa a desejar, fica capenga, você fica só apagando incêndios, digamos assim, né? Você procura arranjar da melhor maneira possível para não ficar tão ruim, mas não está atendendo mesmo. A gente busca, mas não consegue atender, porque isso precisa de políticas públicas mesmo da própria prefeitura estar arrumando isso.

Adélia relata, inclusive, os desafios em relação aos próprios profissionais que quando se refere à Ilha, tem essa questão da logística, em que a gente não consegue sentar e dialogar com o pessoal do segundo segmento, falta professor, nem todo mundo quer vir pra cá e quando vêm é um pessoal que não conhece a realidade daqui. Sem contar que a gente não tem esse tempo para estar conversando em coordenações. Nos momentos dos corredores, é que a gente fica falando, num cafezinho, num lanche ou num passeio. Então, isso aí não tem nada a ver com a proposta de uma escola de horário integral. E isso vem prejudicar a própria prática pedagógica. Porque, se nós não temos uma prática de discutir com o grupo todo a nossa prática pedagógica, o nosso dia a dia e os desafios pra gente encontrar os caminhos, vencendo as dificuldades, avançando a cada dia, acaba ficando na mesmice, não conseguindo resolver os problemas nem imediatos nem a curto, meio e, muito menos, em longo prazo.

A diretora explicita com relação ao próprio currículo que

se você não discute... porque a escola é viva. Se a escola é viva, é movimento! A partir do momento em que você tem uma avaliação diagnóstica, você vai vendo que o currículo não está adequado aqui, não está adequado ali. E que você tem que melhorar aqui, mas, pra isso, tem que estar em equipe. E a gente está aproveitando desse tempo e desse espaço, para estar discutindo todas as questões e todos os desafios que a gente enfrenta no dia a dia.

Em reflexão sobre a importância da articulação, presente nos diferentes saberes e nas diversas aulas que compõem a grade curricular da escola, Adélia afirma que

o importante dessa articulação é que nada é isolado, tudo tem que ter um contexto. Então, se você trabalha um currículo fragmentado, ou seja, um vai trabalhar uma coisa, um vai trabalhar outra, não tem uma unidade, não tem um objetivo em comum, com certeza, o conhecimento também vai se fragmentar. Então, a gente não vai alcançar esse objetivo, vai se perder no meio do caminho.

A diretora fala sobre o desenvolvimento do projeto de trabalho e faz uma avaliação sobre a articulação dele:

Nós aqui começamos um projeto, eu estou vendo, avaliando, sem discutir com o grupo, não conseguimos tempo ainda para isso devido a todas as questões, todos os fatores que vêm, este ano, permeando a nossa prática pedagógica. Então, nós não estamos conseguindo dialogar mesmo com um pequeno grupo, sem falar as questões pessoais, interpessoais e grupais, que todo lugar tem quando se trata de trabalho em grupo. A gente não conseguiu ainda estar dialogando melhor com essas próprias questões. Então, eu sinto já que a gente se perdeu um pouco no projeto. Porque o projeto é uma forma de a gente estar, exatamente, trabalhando os conteúdos, os temas e tendo esse elo, integrando as diferentes áreas do conhecimento, as oficinas, tendo em vista o objetivo comum e um projeto comum que, no caso, o nosso, este ano, é paz. Não sei se o nosso erro foi que a gente teve um projeto de um ano, aí veio um subprojeto e a gente se perdeu um pouco nisso aí. Mas é difícil também essa integração, porque não há o diálogo entre os outros profissionais do segundo segmento, do Mais Educação. A gente não consegue sentar, devido à questão do tempo, à logística e esse espaço que a gente não consegue. Então, a gente também está um pouco perdido. Por mais que a gente tente. Eu não digo que está um caos, porque, quando a gente percebe, a gente para e olha. Mas isso se dá muito na base, e o que eu estou fazendo é na conversa de corredor: Como é que você está trabalhando? Como é que você está trabalhando na sua oficina de música em relação ao projeto paz? Como é que você está trabalhando o letramento em relação ao projeto paz? Olha, eu tenho aqui uma música, você pode estar trabalhando, eu dou sugestão para a menina do letramento, mas tudo, não há uma unidade. Sabe, a gente sente que está um pouco fragmentado sim, devido a esses 'n' fatores que eu já falei de falta de pessoal, falta de tempo, a própria logística. Precisa de uma discussão em instância maior para a gente resolver esse problema, aí tudo fica fragmentado mesmo.

Dialogando sobre a prática pedagógica desenvolvida, ao longo dos anos na escola, Adélia discorre que

apesar de todos os fatores negativos, apesar de todas as dificuldades que estamos enfrentando desde 2012 até hoje, acho que a gente pode avaliar que tem um saldo positivo, sabe. Porque, por mais que a gente diga: — Ah! Não tem tempo de discussão no grupão. Mas a gente sempre busca uma forma, e

a própria pedagogia que a gente adotou, que é o Freinet, acaba fazendo com que a gente acabe tendo um resultado mais concreto e positivo, porque os próprios instrumentos nos ajudam a isso. O jornal de parede, as aulas passeio. Trazer isso, discutir no grupo. Tem aquela questão também da formação do pessoal do ano passado e deste ano que a gente teve só CPDs (professores contratados), que são pessoas que não acompanharam. A gente pode dizer que, por mais dificuldades de diálogo e de relações interpessoais e grupais na equipe pequena, mas a gente ainda consegue dialogar, a gente consegue fazer o *link* e está dando encaminhamentos sem perder o maior que é a pedagogia que a gente adotou na escola e os pressupostos teóricos. Não deu pra gente estudar muito, mas estou sempre trazendo um texto que fala sobre a pedagogia e a gente vai avivando a memória. Olha, o livro da vida. Como é que está? Ah! Melhor fazer assim: vamos deixar as crianças participarem. O jornal de parede, por exemplo, foi um exemplo muito bacana. Porque antes as professoras é que coordenavam a todo o momento, aí depois a gente trouxe para o grupo, discutiu e a gente disse: Não, não é assim! As crianças têm que estar coordenando também. Elas têm que estar. O professor vai ser um facilitador, ele vai estar, neste momento, facilitando a criança, ajudando a criança, mas ela vai ter a voz e a vez de estar pegando os papeizinhos, lendo, discutindo com os colegas, e aí ela está refletindo também sobre aquilo e tendo autonomia para fazer. Além de estar trazendo as questões, ela vai coordenar esse momento aí.

Atualmente, muito se tem discutido sobre a prática inclusiva nas unidades escolares. Em questionamento à diretora sobre esse fazer pedagógico, Adélia relata que

as aulas passeio, o texto coletivo, as brincadeiras, a música, as oficinas, de um modo geral, as crianças se integram aí e tem a Talita, por exemplo, que tem um comprometimento patológico forte, mas ela se integra. Ela está ali, participando, ela faz as atividades dela, tem vez pra falar, e a gente sente o desenvolvimento dela e no trabalho também do próprio grupo. Aí entram até as discussões que a gente já fez, anteriormente, sobre as diferenças. Outro dia, eu falei no 4º e 5º anos: Lembra quando o Tio Marcio estava aqui e a Tia Cora e trabalharam as diferenças? Exatamente, não é pra gente estar rejeitando o coleguinha por isso ou por aquilo, porque ele é gordinho, porque ele é isso, tem a questão da sexualidade e a gente tem que aceitar de uma forma bacana. Não é aceitar por aceitar não, aceitar porque é um ser humano e tem suas opções, e as pessoas são como são, mas merecem respeito.

Percebendo que muitas das práticas desenvolvidas são fruto de uma concepção de educação e perguntada sobre a concepção de educação integral da diretora, Adélia afirma que “todas as escolas deveriam ser de tempo integral” e contextualiza

partindo do princípio que, atualmente, não só os pais trabalham, mas eu acho que é o momento que, se a gente conseguisse pegar exatamente o tempo, o espaço e o currículo de uma forma bacana e os profissionais, eu acho que a gente teria assim: a escola pública teria um avanço, porque seriam momentos em que a gente teria mais tempo para estar dialogando sobre essa prática e nos dando a oportunidade de estar estudando mais, sistematizando mais, que até isso a gente não está adequando a este tempo. Então, nós não temos tempo de sentar, estamos com uma infinidade de propostas aí, querendo escrever um livro e sistematizar a nossa prática, e a gente não consegue. Não consegue por esses 'n' fatores. Mas, se a gente tivesse, assim, tudo bacana, se a gente tivesse esse tempo sendo utilizado mesmo da forma como deveria ser, a gente teria muito a oferecer e estar divulgando isso para todo mundo e as nossas crianças seriam mais beneficiadas. Acho que essa proposta é uma proposta que não deveria morrer, apesar de tudo, mas eu ainda defendo essa educação, por que isso já vem sendo discutido há muito tempo, desde Anísio Teixeira, a gente sabe disso. A história começa aí, depois com o Darcy Ribeiro, mas eu acho que a gente está caminhando.

Em discussão sobre a qualidade da educação produzida no cotidiano da escola de tempo integral, Adélia faz um recorte:

Se eu tenho um profissional que não sabe sequer trabalhar com projeto, que não sabe sequer fazer um planejamento, sentar no computador e elaborar uma prova, uma atividade avaliativa, não sabe conduzir uma criança nem numa aula passeio, como que você quer que esse aluno aprenda? Ele pode ficar vinte e quatro horas e ele não vai conseguir, realmente, mas não é um monte de conteúdos que vai fazer, depende da concepção de educação e de conhecimento que você quer para aquele aluno. Porque, se eu tenho o aluno como um depósito de conteúdos, entendeu, eu vou achar que esse aluno meu sabe muito, mas você não está formando esse aluno para o exercício da cidadania, para ele saber falar, saber se posicionar, para ele saber questionar o mundo em que ele está vivendo, ele não conhece esse mundo, nem o dele nem o outro maior, né? Então, é muito relativo, depende da concepção de educação que você quer. Eu acho que nós estamos com problemas sim, e vão dizer que nós estamos deixando a desejar, porque os nossos alunos saem daqui e não sabem, mas, por outro lado, se for avaliar os nossos alunos em termos de participação e de questionar, de questionar o professor que está lá e que não consegue transmitir. — Mas, tia, ele não sabe fazer isso, ele não sabe como conduzir, ah! Ele grita conosco, ele quer que a gente faça isso. O aluno já se rebela de uma forma bacana, questionando esse profissional. Quando é que um aluno de uma escola tradicional faz isso? Ele vai ser submisso. Ele pode até se rebelar, mas vai se rebelar de uma forma agressiva, não de uma forma dialogal, né? Ele não dialoga, ele não questiona. Como nós temos visto aqui, do 4º e o 5º, chegar pra mim e pedir assim: — Tia, vamos criar uma comissão? A gente quer conversar com as outras professoras, a gente quer conversar com vocês. E toda vez que eu entro na sala, eles me perguntam: — A gente já pode criar? E criaram, mas aí a gente já tem um outro problema, a questão do profissional, que o professor acha que isso é uma forma de desrespeito ao profissional, ainda tem aquela mentalidade do profissional de que ele é o detentor do saber e o aluno é aquele que recebe. Não quer ouvir o aluno. Quando eu falei com esses alunos, eles falaram: — Não, tia, a gente quer conversar numa boa.

Adélia finaliza com a percepção de que “o aluno pode até não estar sabendo os conteúdos direitinho, porque tem esse, esse e aquele fator, mas ele vai aprender. Ele tem outros saberes também que são importantes. Agora, o que é preciso, realmente, é mudar essa concepção de educação nos profissionais”.

Entrevista III- Cecília Meireles

Iniciando o espaço de narrativas pedagógicas, a professora Cecília Meireles, docente I, regente da turma multianual Pré e 1º ano e responsável pela Oficina Pedagógica de Comunicação, relata que

o maior desafio da escola de tempo integral, com relação ao tempo, se refere ao planejamento. Quando vigorar o direito a 1/3 da carga horária para planejamento (dentro do horário de trabalho), aí sim, estaremos no caminho da qualidade máxima do trabalho pedagógico. Quanto maior o tempo do aluno na escola, maior é a exigência de um bom planejamento, o que necessita de tempo...

No que diz respeito à dimensão espaço, a docente acredita que

a maior dificuldade está relacionada à manutenção do prédio. Portas quebradas, forros que cedem, luzes que queimam, limpeza, pintura, e outros detalhes que influenciam direta ou indiretamente na aprendizagem dos alunos e no desenvolvimento do trabalho pedagógico.

A professora explicita que “não basta ter todas as salas, é necessária a manutenção contínua!”.

Com o recorte sobre o currículo, ela entende que “o currículo da escola de tempo integral deve ser repensado”. Cecília diz que “o tempo estendido e as oficinas pedagógicas privilegiam o currículo oculto e a flexibilidade do mesmo”, e que

os conteúdos precisam estar articulados também de acordo com o perfil de cada escola e as especificidades da comunidade, pois não se dá para pensar apenas na aquisição de conteúdos sem uma reflexão sobre a realidade do aluno, uma vez que a educação integral também prevê uma formação crítica.

Quando questionada sobre a articulação dos saberes desenvolvida na escola, Cecília afirma que “são fundamentais para uma aprendizagem significativa”, entretanto, diz que, “para que ela [articulação] se efetive, é necessária a otimização do tempo para o planejamento individual e coletivo, o que infelizmente poucas vezes acontece”.

Sobre a proposta pedagógica da escola, Cecília avalia que “as últimas propostas foram bem elaboradas e desenvolvidas, mas poderiam ter sido melhores, se houvesse maior tempo e organização de planejamento individual e coletivo como falado anteriormente”.

Em relação à prática pedagógica inclusiva, a docente diz que “a educação inclusiva pressupõe apoio pedagógico em primeiro lugar” e que “a formação do professor, atualmente, não o prepara para lidar com todas as dificuldades existentes na heterogeneidade de uma sala de aula”. Cecília relata que “a boa vontade do professor e a iniciativa autodidata não são suficientes para uma educação verdadeiramente inclusiva”.

Explorando a sua concepção de educação integral, a professora considera que

a educação integral tem um cunho amplo. É pensar o aluno em sua totalidade, explorando as diferentes linguagens com o privilégio do tempo estendido na intenção de uma aprendizagem significativa. Poder, nesse período de tempo, conhecer melhor cada aluno, seus sonhos, suas dificuldades e, a partir do interesse coletivo, promover não só conhecimento, mas o autoconhecimento do aluno e também do professor. É preparar o aluno para a vida acadêmica, social e política.

Entrevista IV- Florbela Espanca

Dialogando com a professora Florbela Espanca, docente II, responsável pela Oficina Pedagógica de Música, no CEHI Monsenhor, sobre os desafios e sugestões da dimensão TEMPO, a professora acredita que

as dificuldades em relação ao tempo/hora na escola integral, creio que seja na questão da organização e gerenciamento do mesmo. A organização do horário do pré-escolar, por exemplo, não pode ser o mesmo dos outros anos de escolaridade, que deve contemplar o horário da soneca e do banho, no mínimo.

Dando continuidade às suas impressões acerca do ESPAÇO, a professora relata que “o espaço físico, ao meu ver, é o maior desafio dessa modalidade de educação básica”. Florbela afirma que “não dá para ampliar o tempo na mesma escola/sala de aula das escolas tradicionais: com quadro, carteiras e fileiras”. A professora sugere que “as salas ambientadas são de extrema importância, bem como as saídas para visitar/conhecer espaços diferentes”. Já no que diz respeito à perspectiva do CURRÍCULO, ela acredita que “se a escola conseguir organizar de

maneira eficaz as dimensões de tempo e espaço, e tiver uma equipe técnico-pedagógica engajada com a educação, a escolha e organização do currículo serão resolvidas com mais facilidade”, apontando como maiores desafios a organização dos tempos e espaço escolares.

Indagada sobre a articulação entre as práticas desenvolvidas no cotidiano escolar, Florbela relata que “apesar da grande dificuldade de reunir docentes I e II, para planejar essa articulação, ela acontece”. Entretanto, a professora percebe que “a avaliação dessa articulação acaba ficando de lado, devido à falta desses encontros coletivos”.

Avaliando a proposta pedagógica desenvolvida pela escola, a docente explicita que considera importante que *“a escola sempre escolhe um fio condutor para desenvolver as atividades pedagógicas durante cada ano letivo”*. Segundo Florbela, *“essa prática auxilia o aluno a desenvolver seus saberes de forma conectada com sua realidade e não aleatoriamente”*.

Questionada sobre as ações que demonstram o exercício de uma educação inclusiva na sua prática pedagógica, Florbela afirma que “a inclusão permeia o meu trabalho na execução de todas as atividades”. A professora relata que o seu trabalho “sempre possibilita ao aluno formas distintas de execução de uma mesma proposta, dando-lhe a oportunidade de escolha, por opção ou por adaptação”. Florbela acrescenta ainda que “na avaliação, os alunos são avaliados de acordo com suas habilidades, adaptações e levando em consideração suas limitações”.

Finalizando a contribuição da professora Florbela, sua concepção sobre educação integral é a de que “a educação integral pode e deve fazer toda diferença na vida de um aluno/comunidade, desde que se ofereça o Tempo, o Espaço e o Currículo adequados à cada realidade escolar”.

Entrevista V- Laura Riding

Laura Riding, estudante de pedagogia na Universidade Federal Fluminense e monitora do Programa Mais Educação no CEHI Monsenhor com a Oficina de Letramento, nos relata que está

há pouco tempo em contato com a escola, mas percebo que o trabalho realizado para que a ampliação do tempo das crianças na escola seja eficaz é produtivo. Quanto à utilização do tempo, entendo que as tarefas realizadas precisam adaptar-se a nova jornada, uma vez que, se não houver uma proposta muito bem elaborada as aulas se tornam cansativas, não apenas para os alunos, mas também para os educadores.

Abordando a temática ESPAÇO, Laura diz que “deve se levar em consideração a localização da escola, para que essa venha a utilizar todos os recursos que dispõe ao seu redor (principalmente os recursos naturais)”. Aicineira exemplifica que “poderiam ter mais momentos, nos quais os alunos tivessem as famosas ‘aulas passeio’, aulas na praia”, pois, “a experiência que tive com as crianças nessa atividade mostrou o quanto é rico levar para a sala de aula o conhecimento das crianças e relacioná-los com os conteúdos a serem trabalhados”. Dialogando sobre o CURRÍCULO, Roberta acredita que “o mesmo precisa adaptar-se à comunidade em que a escola está inserida”. Aicineira relata que “não há como manter o engessamento de uma proposta curricular que não leve em conta a diversidade de culturas, de povos e de espaços que temos”.

Laura aponta como desafio para essas três dimensões “a necessidade de relacionar espaço (escolas e seus contextos), a utilização eficaz do tempo (com aulas em tempos diferentes e até com professores diferentes) e o currículo adaptado às questões locais”.

Questionada sobre a articulação entre os saberes desenvolvidos na escola, aicineira percebe que “para que haja eficácia, é preciso que os professores tenham mais momentos de diálogo”. Laura afirma que “a troca de conhecimentos é fundamental para que as oficinas favoreçam o trabalho do professor dos componentes curriculares da Base Nacional Comum (BNC)”. Ela exemplifica a experiência durante a oficina de letramento em que, “após conversar com as professoras, pude conhecer a realidade dos alunos e contribuir na aprendizagem e no desenvolvimento deles, ao dar continuidade ao que as professoras propunham em sala de aula”.

Indagada sobre a proposta pedagógica desenvolvida pela escola, aicineira considera ser “inovadora”. Laura relata que “não conhecia e agora estou buscando

mais informações sobre a proposta de trabalho da escola com base na pedagogia de Freinet”.

Sobre a prática inclusiva em suas oficinas, Laura relata que “conheço apenas a realidade de uma aluna que, segundo observação, apesar de estar inserida em uma sala de aula regular, faltam recursos para lhe proporcionar um ensino que seja significativo e traga resultados”.

Finalizando, para Laura, “A Educação Integral corresponde a uma proposta de trabalho desenvolvida para proporcionar qualidade de ensino para os estudantes, dando-lhes também diferentes formas de inserção cultural”.

(RE) LEITURAS

“O que o mar sim ensina ao canavial:
o avançar em linha rasteira da onda;
o espriar-se minucioso, de líquido,
alagando cova a cova onde se alonga.

O que o canavial sim ensina ao mar:
a elocução horizontal de seu verso;
a geórgica de cordel, ininterrupta,
narrada em voz e silêncio paralelos.”

João Cabral de Melo Neto

Analisando as entrevistas/narrativas dos educadores do CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho, foi possível identificar aspectos convergentes e divergentes com relação às questões apresentadas. Cabe ressaltar, que as tensões presentes no cotidiano escolar se evidenciam nas falas dos professores.

Com relação à dimensão TEMPO, foi possível perceber que os educadores compreendem a necessidade de organização desse tempo, pois a jornada ampliada deve prever atividades articuladas, otimização do tempo e promoção de maior aprendizagem. Pontos que se destacam com relação a essa temática foram acrescentados por alguns educadores, tais como utilização do tempo para a discussão da prática pedagógica, a garantia de 1/3 (um terço) da carga horária do professor para planejamento e a adaptação dos alunos à nova jornada escolar.

No que se refere à dimensão ESPAÇO, identificou-se a preocupação dos docentes com a adequação e a manutenção do espaço escolar. Entretanto, outras

considerações relevantes foram apresentadas, como a compreensão de que a escola é viva e seu espaço está em constante movimento, de que a presença do currículo oculto é intensa, de que há maior flexibilidade dentro desse espaço, da necessidade de organização desse espaço e, ainda, de uma atenção especial ao trabalho com a diversidade cultural presente no espaço escolar e fora dele.

Fazendo um recorte sobre a dimensão CURRÍCULO, ficou em evidência a preocupação com a conexão entre os conhecimentos, mas foram apontados ainda os tópicos: necessidade de se ter momentos de planejamento em conjunto, a elaboração de projetos de trabalho, a busca pela aprendizagem significativa dos alunos, a pouca avaliação do trabalho desenvolvido e a importância de momento de diálogo e troca de conhecimentos.

Refletindo sobre a proposta pedagógica desenvolvida no CEHI Monsenhor, os educadores a consideram inovadora pelo trabalho com a pedagogia Freinet. Fica registrado que a visão integral do aluno já estava presente na unidade escolar antes da ampliação da carga horária, assim como a preocupação com a organização curricular, o planejamento e a avaliação constante da proposta pedagógica, mas fica ainda ressaltado o tempo escasso para planejamento, pouco diálogo e as dificuldades nas relações interpessoais, em contrapartida, destaca-se a presença de um fio condutor no trabalho desenvolvido e a conexão dos diversos saberes.

Com relação à questão sobre a prática da educação inclusiva, os educadores relataram a preocupação com a participação de todos no cotidiano escolar e as distintas formas de execução da atividade proposta. Entretanto, percebe-se, nesses aspectos divergentes, uma visão aparentemente limitada da educação inclusiva na fala de alguns educadores, quando apontam a precária formação do professor e a escassez de recursos para o trabalho com a inclusão, como se incluir fosse apenas incluir o aluno especial. No bojo da inclusão, estão todos os alunos com suas especificidades, e não apenas os especiais.

A discussão acerca da concepção de educação integral dos educadores converge quanto à compreensão do aluno em sua totalidade, mas se completa com a percepção dos múltiplos sujeitos, a busca pela qualidade do ensino, as diferentes formas de inserção social para os alunos, bem como a possibilidade de se fazer a

diferença na vida do aluno e de sua comunidade, pontos ressaltados pelos professores que fortalecem o entendimento da concepção.

Encontros e desencontros

Apresentamos os pontos comuns e divergentes entre os educadores do CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho, através do quadro abaixo, na perspectiva de elucidar os encontros e desencontros percebidos, no que tange aos territórios elencados: tempo, espaço, currículo, articulação de saberes, proposta pedagógica, prática inclusiva e concepção de educação integral.

TERRITÓRIOS	ENCONTROS	DESENCONTROS
TEMPO	✓ Organização do tempo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discussão da prática pedagógica; ✓ Garantia de 1/3 da carga horária para planejamento; ✓ Adaptação dos alunos à nova jornada escolar.
ESPAÇO	✓ Adaptação e manutenção do espaço	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criação de salas ambientes; ✓ Uso de outros espaços; ✓ Interação com os recursos naturais.
CURRÍCULO	✓ Articulação de saberes em movimento	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Abarca as demais dimensões; ✓ Escola viva; ✓ Currículo oculto; ✓ Flexibilidade; ✓ Organização; ✓ Diversidade cultural.
ARTICULAÇÃO DE SABERES	✓ Conexão;	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Planejamento em conjunto; ✓ Projeto de trabalho; ✓ Aprendizagem significativa; ✓ Pouca avaliação; ✓ Diálogos e troca de conhecimentos.

PROPOSTA PEDAGÓGICA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pressupostos de Célestin Freinet; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Visão integral do aluno; ✓ Organização curricular, planejamento e avaliação; ✓ Pouco diálogo e dificuldades nas relações interpessoais; ✓ Pouco tempo para planejamento; ✓ Fio condutor; ✓ Saberes conectados
PRÁTICA INCLUSIVA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Participação de todos; ✓ Formas distintas de execução de uma mesma atividade 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunidade local presente; ✓ Atividades diversificadas; ✓ Formação precária do professor; ✓ Poucos recursos.
CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aluno em sua totalidade; 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Múltiplos sujeitos; ✓ Qualidade de ensino; ✓ Formas diferentes de inserção social; ✓ Faça a diferença na vida do aluno e da comunidade.

(In)Conclusões

Às vezes, há uma necessidade de se atribuir uma resposta às questões apresentadas e ainda buscar resolver as complexidades, com um suposto plano ideal de atuação. No entanto, na educação, se lida, cotidianamente, com processos de formação e de reflexão sobre todos os fatores que estão presentes no dia a dia escolar; portanto, sintetizar tudo numa única resposta seria um grande equívoco, pois a diversidade de percepções e de olhares frente a uma mesma tensão se configura como instrumento de emancipação do grupo de educadores e constituição de singularidades no coletivo da escola.

Partindo desse pressuposto, a presente monografia não traz, em sua proposta, a necessidade de se concluir o processo pesquisado, nem mesmo de se fechar nas narrativas das experiências obtidas pelos professores no interior do espaço escolar, mas possibilitar a ampliação das discussões a partir da compreensão da proposta de educação integral em tempo integral, com recorte numa das escolas que possuem o projeto em Angra dos Reis. Um fragmento que, contextualizado, oferece subsídio para se entender a concepção, a lógica, a dinâmica, a proposta pedagógica, os fazeres e saberes construídos e, desse modo, ter uma visão maior do processo educacional desenvolvido e, ainda, da promoção de uma educação integral de qualidade.

Nesse sentido, as análises, avaliações e experiências de educadores do CEHI Monsenhor Pinto de Carvalho foram muito importantes. Vozes de professores estão inseridas nesta obra, como forma de tornar viva a poética, que motiva o compromisso de cada um dos educadores com a educação integral em tempo integral.

Cabe ressaltar que o processo da escrita é árduo, pois, como disse Graciliano Ramos, em entrevista concedida no ano de 1948: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”. E neste árduo processo de análise, elaboração, entrevista, transcrição, reflexão e sistematização dos pontos em comum e divergentes, a escrita monográfica, que tem muitas palavras a serem ditas, se identifica com a contribuição de Clarice Lispector, no seu livro *A hora da estrela*, quando ela nos aponta: “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.”

O que motiva, ao final deste processo, é ter a certeza de que as faíscas que se lançam aqui terão oportunidade de incendiar outros campos e quebrar muitas rochas na EDUCAÇÃO.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação. *Diário Oficial da União*, Brasília, 10 de janeiro de 2001.

CAVALIERE, Ana Maria Cavaliere. Escolas de tempo integral versus alunos em tempo integral. *Em Aberto*, v.22, n. 80, p.51- 63, abr. 2009.

COELHO, Lígia Martha C. da Costa. (Org.) *Educação Integral em tempo integral: estudos e experiências em processo*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2009.

GUARÁ, Isa Maria F. R. É imprescindível educar integralmente. *Cadernos CENPEC*, n. 2, p. 15-24, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

NETO, João Cabral de Melo Neto. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução ao currículo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.